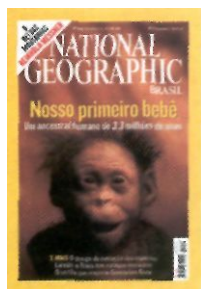


## CARTAS



Há pouco mais de 50 anos, em 1956, João Guimarães Rosa lançava um de seus principais livros, Grande Sertão: Veredas, romance que, de lá para cá, provoca fascínio em sucessivas gerações de leitores e críticos no Brasil e no exterior, tanto no original como em traduções diversas. Para comemorar o aniversário da publicação dessa obra-prima do regionalismo modernista, um dos maiores clássicos de toda a história literária do país, resolvemos retornar à cidade natal de Guimarães Rosa, a pequena Cordisburgo, no centro-norte do estado de Minas Gerais. A repórter Regina Pereira, em um texto bonito e forte, encontrou por lá ainda muito da beleza primitiva e dos tipos humanos que inspiraram o autor. Como escreve ela: "Em Cordisburgo, Guimarães Rosa e sua obra estão por toda parte - e sobretudo dentro da gente". O fotógrafo Izan Petterle capturou, com suas

imagens, retratos do universo sertanejo que Rosa imortalizaria em sua literatura. Aliás, quem quiser conhecer melhor os moradores da cidade, que hoje trabalham para manter a memória de Guimarães Rosa, encontrará outras fotografias no nosso site: [www.ngbrasil.com.br/0611](http://www.ngbrasil.com.br/0611). Aproveite para dar uma espiada também no novo portal [www.viajeaquicom.br](http://www.viajeaquicom.br). Bom proveito!

MATTHEW SHIRTS - REDATOR-CHEFE  
[mshirts@abril.com.br](mailto:mshirts@abril.com.br)

### Parques nacionais

Fiquei de boca aberta com a foto da Reserva Natural Nacional das Ilhas Auckland, na Nova Zelândia (outubro de 2006, páginas 58-59). É uma floresta tão perfeita que parece cenográfica! Gostaria de aproveitar para sugerir a criação de galeria de fotos de leitores online. Uma imagem por mês poderia se escolhida e publicada na revista. Seria um prêmio e um incentivo a nós, amantes da fotografia.

ANTONIO CARLOS L. TRIVELIN  
Piracicaba, SP

### Marajoaras

A reportagem "Uma luz sobre o passado" (setembro de 2006, página 90), a respeito do povo marajoara, me conduziu a uma

### Escreva para nós

#### Carta

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL  
Avenida das Nações Unidas, 7221  
14º andar, CEP 05425-902  
São Paulo, SP

#### E-mail

[nqm.abril@atleitor.com.br](mailto:nqm.abril@atleitor.com.br)

#### Fax

(11)3037-4504

revisão de meus conceitos a cerca da idade cronológica de nossas civilizações e culturas ancestrais. O Brasil precisa ser urgentemente redescoberto, e sua história, recontada.

ALLAN SANTANA SANTOS  
Salvador, BA

### Manchúria

O maior projeto financiado pelo Bando Mundial na China é a construção da base de produção leiteira na província de Heilongjiang. Isso demonstra os avanços pelos quais a economia chinesa vem passando nos últimos anos. A reportagem sobre a região industrial da Manchúria (setembro de 2006, página 42) evidencia esse fato. Um outro ponto que devemos levar em consideração é o intercâmbio entre o estado do Rio Grande do Sul e a província de Heilongjiang. O objetivo é divulgar a qualidade das vacas leiteiras dos criadores gaúchos para possível exportação de embriões. A revista fez bem em abordar tema tão oportuno.

ALEX ALAN  
Via e-mail

### Papua-Nova Guiné

Não concordo com a afirmação do fotógrafo Stephen Alvarez na página 128 da edição de setembro, na seção Mundo National. Depois de explorar cavernas alagadas de Papua-Nova Guiné, ele conclui que "o planeta todo já foi vasculhado" para depois explicar que o mundo subterrâneo é o único ambiente que ainda tem muito a oferecer em termos de paisagens inexploradas. Trata-se de uma meia verdade, pois há regiões na Terra às quais ainda sequer chegamos. A cada ano pesquisadores identificam novas espécies em zonas remotas de florestas tropicais, por exemplo. E quem há de saber, hoje, o que existe no fundo dos oceanos?

HAROLDO RS. PORTO JR.  
Macaé, RJ

### Tom Abercrombie

É emocionante ver a dedicação de um homem àquilo e àqueles a quem ama. A vida de Tom Abercrombie (agosto de 2006, página 102) se justificou plenamente. Tom nos passa a idéia de alguém que, ao fim da



As cabeças de boi, hoje abandonadas no fundo de uma casa, resgatam a essência dos livros de Rosa: conduzir boiada era modo de vida do sertanejo.



CÓDIGO POSTAL | CORDISBURGO, MG 35780-000

# Sertão literário

Vida e obra de João Guimarães Rosa identificam  
a gente e as coisas de uma cidade mineira

## CORDISBURGO



A obra-prima de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, veio ao mundo em 1956. Em meio século, Cordisburgo parece ter testemunhado poucas mudanças no seu cotidiano simplório. A entrega do leite em carroças (acima) resiste como arcaica tradição dessa região no centro de Minas (mapa). Longe da cidade, porém, as veredas (à direita) imortalizadas pelo escritor retratam um drama ambiental recente: projetam-se secas e destroçadas, emblemas quase mortos do que resta do cerrado.



POR REGINA PEREIRA FOTOS DE IZAN PETTERLE

**L**eitor, "mire, veja" e "tolere", como dizia Riobaldo, o protagonista de *Grande Sertão: Veredas*: Córdoba (com acento se você adotar a pronúncia local) é a boca do sertão. O escritor João Guimarães Rosa, que ali nasceu, em 1908, professava que o sertão "está dentro da gente e em toda parte". Existe o sertão real, o de se pegar, com sua fauna, sua flora, seus quase extintos buritis em suas veredas mortas, seus aromas e seus sons, seus silêncios, seus vazios. E existe o outro, o que Rosa transcreveu, objeto de culto e de estudos no Brasil e nas estranhas. O sertão de Rosa faz parte de uma geografia especial, iluminada pela metafísica, relicário de palavras, sintaxes, costumes, entonações.

A Córdoba real vive da pecuária e do cinturão verde que abastece Belo Horizonte, a 128

quilômetros dali. Já a Córdoba de Rosa nos alimenta com os violeiros e seus berrantes, os contadores de histórias, as caminhadas literárias, as congadas, as pastorinhas, o céu muito azul e suas serras de nomes poéticos: do Funil, da Onça, do Barreirão, do Palmital. Na cidadezinha, à primeira vista os atrativos são poucos. Os ícones mais visíveis são a Capelinha de São José, de 1883, e o Museu Casa Guimarães Rosa, em frente à singela estação de trem, onde ninguém mais embarca. No mais são casas empoeiradas, algumas muito tristes, cachorros modorrentos, Calois Barra Forte estacionadas nas vendas. E, lá no alto, abençoando o "burgo do coração", a Matriz do Sagrado Coração de Jesus.

Por isso, não vá a Córdoba como o turista dos ruidosos ônibus de excursão que visitam nos arredores a deslumbrante gruta de Maquiné – a maioria nem imagina quem foi Guima-



rães Rosa. Melhor é viajar à maneira dos naturalistas do século 19, como o dinamarquês Peter Lund, que redescobriu Maquiné e pode ter inspirado o "louraça seu Olquiste", personagem de Rosa "que parecia querer remedir cada palmo do lugar". Ou ir como o Miguilim, da novela *Campo Geral*. Míope como Rosa, ele olhava tudo muito de perto. Em Cordisburgo e no sertão, a beleza mora nos detalhes, no miúdo das coisas. "O sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena", advertia o escritor.

Passados 60 anos da publicação de *Sagarana* e 50 de *Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile*, em Cordisburgo Guimarães Rosa e sua obra estão por toda parte – e sobretudo dentro da gente. Na loja Brasinha, a poucos metros da casa onde o escritor morou até os 9 anos e da venda de seu pai, seu Florduardo, há uma bela foto de Manuel Nardy, o Manuelzão – personagem cen-

tral da novela *Uma Estória de Amor* –, e um São Geraldo de gesso trazido de Curvelo por José do Espírito Santo Cruz, o Juca Bananeira, companheiro de infância de Rosa e personagem do conto *O Burrinho Pedrês*.

Darci, a proprietária da loja, atende com uma prosa demorada, gostosa. Ela relembra os tempos em que Juca, já idoso, tinha um bar na vizinhança, onde passava as horas contando histórias. Os causos de Juca fizeram com que Zé Oswaldo dos Santos, o Brasinha, se desincorporasse aos poucos da função oficial de comerciante e passasse a ostentar os múltiplos papéis de guia turístico e literário, pesquisador incansável, guardião da cidade, embaixador do sertão. Um embaixador de olhar e pele bem sertanejos que não frequentou o Itamaraty nem fala oito idiomas, como Rosa, mas articula a única língua necessária daquelas bandas – a do coração.



A permanência da obra de Rosa está também nos retalhos bordados e costurados pelas mulheres simples de Cordisburgo. Eles viram colchas, panos de prato, adereços e estandartes carregados nas caminhadas literárias ou festas populares, como a congada do distrito de Lagoa Bonita (acima). O sertanejo a cavalo (à direita) garante que as atividades principais da cidade vão sempre estar baseadas na lida do campo.

É perda de tempo procurar por Brasinha na loja. Seu balcão é de outra natureza: ele quase não dá conta de atender os que querem ir às veredas, às fazendas, aos cenários roseanos. Também tem muito trabalho na Associação Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa e com seu grupo de teatro, Caminhos do Sertão. Além de cumprir uma liturgia diária: ler um trecho da obra de Rosa. A esposa, Darci, diz que o verbo que ele mais conjuga é "rosear". Ela administra a loja e mantém o bom humor. "Imagine se nós dois ficássemos *roseando* o dia inteiro?", diz.

A inspiração do escritor aflorou em 1952, quando ele participou de uma emblemática travessia de 40 léguas (240 quilômetros) na condução de uma boiada de Três Marias a Araçá. Guiando a comitiva que levava de carona o "vaqueiro João Rosa" estava João Henrique Ribeiro, o Zito, cozinheiro e fazedor de versos nas horas vagas. Já Manuelzão deixou impressa a es-

tampa que o immortalizou: personagem de si mesmo, contador nato de estórias, saliente, perspicaz. Segundo a cartilha roseana, eles não morreram, estão todos encantados. Manuelzão encantou-se em 1997, aos "184" anos, pois "contava dobrado, os *dia* e as *noite*". Os rastros desse sertanejo lendário estão também na cidade de Andrequicé, algo mais ao norte. A casa onde viveu foi transformada em memorial, e está em curso o ambicioso Projeto Manuelzão, que batalha para revitalizar o rio das Velhas até 2010, num esforço conjunto de 51 municípios e mais de 4,5 milhões de habitantes da região central de Minas.

Nas noites de Cordisburgo, que tem a fama merecida de ter o luar mais bonito do sertão e onde as estrelas brilham "com mais *agarre* de alegria", Brasinha faz um balanço que nem de longe passa pela contabilidade da loja: "A contação de estórias hoje foi uma beleza". A contação é tarefa dos Miguilins, grupo que completou dez



anos e acaba de estreiar sua quarta geração. Criado por Calina Guimarães, prima de Rosa, e dirigido por Dôra Guimarães e Elisa Almeida, é composto de meninos e meninas da cidade. Com sotaque sertanejo e usando referências que colhem de seus avôs e bisavôs, os Miguilins preservam a oralidade que os textos de Rosa pedem e abrem uma porta aos que acham a escrita roseana difícil de ser compreendida. O projeto começou com o intuito de apenas dar vida ao museu, mas foi muito além: concedeu identidade aos meninos. Eles fazem parte da grande embaixada do Brasinha e se desdobram para levar o sertão a toda parte – são presença constante inclusive nas grandes cidades. Graças ao projeto, muitos Miguilins ampliaram seus horizontes e chegaram à universidade. Os que ficaram continuam a zelar pela obra roseana, como Fábio Barboza, funcionário do museu e ator.

Não existe ex-Miguilim. A paixão pela litera-

tura de Rosa é algo que não se encerra. Os mais velhos se converteram ao teatro e encenam trechos da obra roseana. Zé Maria, o patriarca deles, pode ser visto na pele de Riobaldo, divagando sobre a existência do diabo na varanda de uma velha fazenda – ou embaixo de uma gameleira, onde a crença sertaneja reza que é possível fazer um pacto com o cuju. Aos 85 anos, seu Francisco Papaterra Limongi é Miguilim por conta própria e narra com precisão e voz modulada pela emoção um dos trechos-chave de *Grande Sertão*, a "Canção de Siruiz", que profetiza a sina do jagunço Riobaldo. O segredo de Zé Maria, de seu Francisco e dos demais Miguilins é dizer os textos de Rosa de cor – que, no caso, não significa apenas decorados mas narrados de coração.

O agreste mineiro, tão formoso e inspirador, carece de proteção. "O sertão, esses seus vazios, o senhor vá, alguma coisa ainda se encontra", dizia profeticamente Riobaldo a seu interloutor na

## CORDISBURGO



Coroas e panelas dividem com solenidade o espaço sobre o fogão de lenha de uma casa no distrito de Lagoa Bonita, a 20 quilômetros de Cordisburgo. São símbolos singelos de vida e de festa, e do passado que ainda se funde no presente no poético sertão que a obra de Guimarães Rosa immortalizou.

década de 1950. Hoje, a realidade é que as verdadeiras estão cada vez mais longe, e raramente se vê um buriti, sempre presente nos livros de Rosa. A árvore majestosa que "quer o brejo e quer o céu" agora disputa a água com o eucalipto. Depois de conhecer pessoalmente Manuelzão em Ouro Preto, o fotógrafo Germano Neto, um caçara de Santos, adentrou a imensidão agreste e ficou quatro meses morando muito além, no Grande Sertão Veredas, parque nacional que vai do norte de Minas até a Bahia. O que viu e documentou foi um entorno ameaçado pelas monoculturas: a soja, a braquiária, o eucalipto e a mamona. "O cerrado é o primo pobre do ecossistema. Derrubar um pequiizeiro centenário ainda não causa tanto impacto quanto derrubar uma madeira-de-lei", revolta-se ele.

Dona Antonieta Vargas, 85 anos, pele curtida pela lida na roça, agora mora na cidade. É uma das poucas pessoas ainda vivas que conviveram com Guimarães Rosa em sua passagem com a

boiada. "Era um moço fino, educado, bonito. Dormiu na minha fazenda, comeu da minha comida, disse que eu era linda, me deu um abraço forte de agradecimento e um bauzinho que guardo até hoje junto com a louça que ele usou. E se foi, nunca mais voltou", diz ela, quase recitando, com um sentimento que os anos não amainaram. Há que se discordar, com todo o respeito, da amável dona Antonieta. Rosa correu o mundo, mas nunca saiu de Cordisburgo. E Cordisburgo nunca saiu dele. Ele amava ser chamado de "Cordisburgo" por seus companheiros de diplomacia. Seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, três dias antes de se encantar, em 1967, começa e termina com a palavra Cordisburgo: "Vista Alegre de Cordisburgo, só quase lugar, mas tão de repente bonito..." D

\\ **Letras vivas** Conheça os moradores de Cordisburgo que preservam a memória do escritor Guimarães Rosa em [www.ngbrasil.com.br/0611](http://www.ngbrasil.com.br/0611)